

Os órgãos do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde: construção, manutenção e repertório

Mafalda S. Nejmeddine
(CESEM/IN2PAST – Universidade de Évora, Portugal)

Resumo: Parte da atividade musical desenvolvida no passado nos mosteiros portugueses é comprovada por partituras que outrora se destinaram a tais locais de culto. É o caso da partitura de um *Miserere*, da autoria de António da Silva Leite, cujo estudo demonstrou terem existido vários órgãos e uma prática regular de música no Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde. A partir da pesquisa de obras musicais com órgão compostas para este mosteiro e de pesquisas documentais sobre o respetivo período de composição, revelam-se novas informações relacionadas com o repertório e com a construção, manutenção e percurso dos órgãos que fizeram parte do mosteiro vila-condense nos séculos XVII, XVIII e XIX.

Palavras-chave: António da Silva Leite. Mosteiro de Santa Clara. Música sacra. Órgão. Vila do Conde.

The organs of the Monastery Santa Clara in Vila do Conde: construction, maintenance, and repertoire

Abstract: In the past, part of the musical activity developed in Portuguese monasteries is evidenced by scores that were once intended for such places of worship. This is the case of the score of a *Miserere* by António da Silva Leite, whose study shows that there were several organs and music was regularly practiced at the Monastery Santa Clara in Vila do Conde. Based on the research of musical works with organ composed for this monastery and from documentary research on the respective period of composition, new information is revealed related to the repertoire and the construction, maintenance, and trajectory of the organs that were part of the monastery of Vila do Conde in the seventeenth, eighteenth, and nineteenth centuries.

Keywords: António da Silva Leite. Monastery of Santa Clara. Sacred music. Organ. Vila do Conde.

O Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde situa-se na margem norte do rio Ave na cidade de Vila do Conde, localizada no distrito do Porto, norte de Portugal, foi fundado a 7 de maio de 1318 e esteve em atividade durante mais de cinco séculos. A partir de 1834, altura em que foi decretada a extinção das ordens religiosas em Portugal, o cenóbio ficou restrito à comunidade existente e extinguiu-se com o falecimento da última religiosa, D. Ana Augusta do Nascimento, a 21 de maio de 1893¹. Atualmente, o mosteiro é conhecido pelas grandes obras levadas a cabo, no século XVIII, pela sua comunidade religiosa, tais como o edifício dos “dormitórios novos” e o extenso aqueduto que outrora trazia a água do concelho vizinho para o mosteiro. Foi, também, durante esse século que as clarissas vila-condenses mandaram construir o órgão que, ainda hoje, se encontra na igreja do mosteiro e que é atribuído a Francisco António Solha (JORDAN, 1984: 117).

Solha foi herdeiro da tradição da escola Echevarría de organaria, a quem se deve a introdução das caixas de ecos e dos registos de palheta dispostos em artilharia na fachada horizontal dos instrumentos (BRESCIA, 2020: 21-25). Discípulo do organeiro galego Simão Fontanes, Francisco António [de] Solha (ou Solla) (San Andrés de Xeve, 172? – Guimarães, 1794) trabalhou com o seu mestre no norte de Portugal na construção dos órgãos duplos da Sé de Braga (1737-1739) e, posteriormente, na construção dos seus próprios instrumentos, nos quais aplicou um conjunto de medidas que valoriza o caráter melódico do órgão – tais como a incorporação de determinados registos solistas ou de inspiração italiana e o alargamento do teclado em resposta às necessidades do repertório organístico de inspiração vocal –, sendo considerado a “figura de proa incontestável no panorama da arte organaria desenvolvida no norte do país à época” (BRESCIA, 2020: 25-27).

Grande parte dos órgãos construídos por Solha teve a colaboração do escultor frei José de Santo António Ferreira Vilaça, que utilizava o modelo de divisão geométrica da caixa do órgão em cinco campos (DODERER, 2002: 110). Segundo Jordan (1984: 130), o órgão do mosteiro vila-condense tem dois teclados com 52 teclas cada, a extensão DÓ-mi³, 37 registos (19 de sopranos, 18 de baixos), a caixa e a talha da respetiva varanda são da autoria de Vilaça, e “Os tubos horizontais das palhetas ‘en chamade’ foram tirados e perdidos numa época desconhecida, mas o interior do instrumento pode ser restaurado”².

Os estudos dedicados à música nos mosteiros femininos portugueses debruçam-se sobre o repertório, os instrumentos e as práticas musicais desenvolvidas por comunidades de algumas ordens religiosas (FERNANDES, 1997-98. LESSA, 1997-98. FIALHO CONDE; LESSA, 2015. FIALHO CONDE; CAMÕES GOUVEIA, 2016), existindo ainda poucos estudos diretamente relacionados com a Ordem dos Frades Menores ou Ordem Franciscana à qual pertencia o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde (VALENÇA, 1997. SILVA LEITE, 2020. MARRECO BRESCIA, 2021).

Pesquisas recentes revelaram que, nos séculos XVIII e XIX, o mosteiro vila-condense possuiu, além do órgão mencionado, outros instrumentos para a interpretação das obras musicais, das quais é exemplo um *Miserere* do célebre compositor portuense António da Silva Leite (1759-1833) (SILVA LEITE,

¹ Embora no catálogo das abadessas do mosteiro, publicado pelo monsenhor José Augusto Ferreira (FERREIRA, 1925: 42), conste o ano de 1892, nas publicações posteriores relacionadas com este assunto, incluindo do mesmo autor, é referido o ano de 1893 (ver FERREIRA, 1928: 7. PORTUGAL, 1938: 23. PACHECO NEVES, 1981: 3. PACHECO NEVES, 1982: 224).

² O número de teclas referido pelo autor para a extensão indicada revela que o instrumento não tem a primeira oitava curta. Assim sendo, importa referir que um teclado com essa extensão, sem a primeira oitava curta, é composto por 53 teclas.

2020: vii-xii). Todavia, desconhecem-se outras composições relacionadas com este mosteiro, as quais permitiriam contextualizar a utilização dos seus instrumentos. Ademais, as informações relativas à construção, manutenção e percurso dos órgãos deste mosteiro, entre os quais se incluem órgãos fixos e órgãos positivos (realejos), são escassas. Para conhecer a história dos órgãos, é importante estabelecer um paralelismo entre estes instrumentos e as obras musicais que foram interpretadas no mosteiro.

Neste sentido, procedeu-se à pesquisa das obras musicais com órgão compostas para o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde até ao ano de 1834. Este limite temporal define o momento a partir do qual a atividade musical do mosteiro ficou condicionada às condições até então existentes, as quais incluíam a proibição de admissão de noviças e, conseqüentemente, a redução das receitas. Neste processo de levantamento, foram encontradas obras datadas dos anos 1763, 1779 e 1805, as quais delimitaram o período das pesquisas documentais entre as décadas de 1760 e 1810. Por conseguinte, foram consultados os livros de receita e despesa do mosteiro referentes a este período e o livro do triênio 1685-1688 para complementar a informação recolhida.

1. Livro de cantochão (1763)

No Arquivo Municipal de Vila do Conde, preserva-se um livro de cantochão mandado fazer, em 1763, por D. Margarida Josefa, à data vigária do coro do referido Mosteiro de Santa Clara (Fig. 1). Trata-se de um pequeno livro, com a dimensão 262 x 195 mm, que contém música e textos de hinos, versos e antífonas destinados a serem cantados pelas freiras e esporadicamente por frades na missa e no Ofício Divino (Fig. 2).

De forma a facilitar a consulta dos cânticos que deveriam ser entoados em cada celebração religiosa, o livro inclui um índice organizado em três partes – festas fixas (ordenadas pelos meses do ano), festas mudáveis e comum – com indicação do respetivo repertório. Este livro de cantochão põe em evidência o uso da prática *alternatim* e a intervenção do órgão nos cânticos litúrgicos (Fig. 3 e 4).

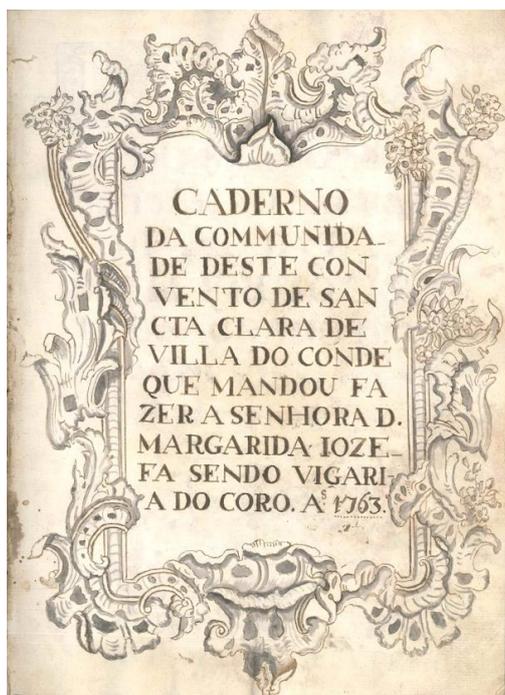


Fig. 1: Livro de cantochão. *Convento de Santa Clara de Vila do Conde - Livro de música*. Arquivo Municipal de Vila do Conde, NI3383, folha de rosto.



Fig. 2: Hino destinado aos frades. *Convento de Santa Clara de Vila do Conde - Livro de música*. Arquivo Municipal de Vila do Conde, NI3383, fôlio 78.

Fig. 3: Prática *alternatim* entre cantoras e coro. *Convento de Santa Clara de Vila do Conde - Livro de música*. Arquivo Municipal de Vila do Conde, NI3383, fôlio 42.



Fig. 4: Cantochão com intervenção do órgão. *Convento de Santa Clara de Vila do Conde - Livro de música*. Arquivo Municipal de Vila do Conde, NI3383, fólio 74.

Por essa altura, o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde possuía dois órgãos na sua igreja, ambos situados no coro de cima, conforme indica a despesa com a manutenção destes instrumentos registada no triénio 1758-1761: “De afinar e concertar os dois orgãos do coro de cima e sustento do m.º Preto q. trabalhou nelles oito dias dezanove mil e oito centos reis ___ 0019800” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1758-1760: n.p.).

Apesar de estes trabalhos de manutenção terem durado oito dias, os órgãos necessitaram de novas reparações quando das afinações realizadas nos triénios seguintes: “Deuse ao Mestre preto por afinar e consertar os dois orgãos do coro de cima e gasto do sustento do mesmo vinte e hu mil e dozentos reis ___ 0021200” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1761-1763: 85); “Deuse o Mestre preto por afinar e consertar os orgos q.º com pelicas pregos e mais aparelhos e jurnais e sustento do mesmo vinte mil e quinhentos rs ___ 0020500” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1764-1766: 55).

Ciente do estado de degradação em que os órgãos se encontravam, em 1770, a madre abadessa D. Mariana Leonor Pamplona (1767-1770) fez um contrato com “D. Francisco” para a construção de um órgão novo pelo valor de 970\$000 (novecentos e setenta mil réis), o qual foi sinalizado com 480\$000 (quatrocentos e oitenta mil réis):

Logo ententámos fazer hum orgão bom e novo, p.ª o q.º nos emformámos do melhor M.º, o que achamos ser D. Francisco, natural do reino de Galiza e cazado na V.ª de guim.ºs o qual mandámos vir a este Mostr.º; onde veyo e e [sic] examinou o sitio, em q.º se podia asentar, e o elegeo; e tornando 2.ª vês p.ª ajustarmos e de ambas com alugueis de bestas, e mais despezas, fizemos de gasto quatorze mil e coatro centos ___ 014\$400 Com efeito ajustámos o orgão com D. Francisco sobredito; em o preço de nove centos e setenta mil rs. p.ª o q.º logo lhe demos de sinal cem moedas como consta do seu papel, q.º somão coatro centos e oit.ª mil rs ___ 480\$000

A vista do dito ajuste logo mandamos fazer de lig.^{ro} por huma boa trave, p.^a se acentar o dito orgão, q.^e com o carroto, fes a despeza de tres mil e seis centos rs ___ 003\$600 [...].

Fica liquido so hum conto duzentos e secenta [?] e sette mil, nove centos trinta e cinco rs q.^e he p.^a se pagar o resto do ditto orgão; e o mais q.^e elle fizer de despeza (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1767-1769: 176-177).

D. Mariana Leonor Pamplona faleceu na primeira semana de agosto de 1772 e a sua sucessora, a abadessa D. Joana Ludovina de Vasconcelos (1770-1773), deu logo continuidade às obras de construção do órgão³. A nova abadessa fez um aditamento ao contrato, no valor de 240\$000 (duzentos e quarenta mil réis), que contemplou a colocação de registos de eco e o alargamento do teclado, inicialmente previsto com oitava curta, passando o instrumento a custar 1.210\$000 (um conto duzentos e dez mil réis). Durante o seu abadessado, foram pagas as despesas correspondentes a este aditamento, bem como outras despesas relacionadas com a construção do órgão, até à conclusão da obra, no total de 1.560\$105 (um conto quinhentos e sessenta mil cento e cinco réis):

Tanto que faleceo a M.^e D. Mariana Leonor Panpelona; nossa antesesora, cuidamos na obra do orgão novo que ela tinha ajustado com organista D. Franc.^{co} em nove centos e setenta mil reis como consta do papel do tal ajuste; a q.^m a mesma deu logo de sinal cem moedas, e mandamos logo abrir o acro [*sic*] na parede; reconduzir madeiras fazer a caixa dourar tudo, e o mais nesenario p.^a a d.^a obra na qual se naõ ajustou meter nela os ecos e oitava larga que ajustamos os metere; e o d.^{ta} em duzentos e corenta mil reis, e coatro centos e noventa mil rs, q.^e demos ao d.^{to} p.^a ajuste do primeiro; e cento e quinze mil e seis centos reis da caixa q.^e com os louramentos e o mais que gastamos lavas que demos ate se findar a d.^{ta} obra; emportou toda em hum conto, quinhentos e secenta mil cento e cinco reis ___ 1560105 (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1770-1772: 142v).

A este valor acresce o montante entregue de sinal pela abadessa anterior, pelo que o custo final da obra do órgão atingiu a quantia de 2.040\$105 (dois contos quarenta mil cento e cinco réis) (Fig. 5). Este montante foi pago com dinheiro que sobrou do anterior e do atual abadessado (habitualmente designado de “alças”), e ainda com o dinheiro obtido na venda do órgão velho à Igreja de Nossa Senhora da Lapa:

Recebemos p.^a esta obra o seguinte

Primeiram.^{te} nos entregou p.^a ela a M.^e D. Luiza Getrudes de Luna e Azevedo do resto que ficou das alças da nossa antesesora como constara.

Constara do seu livro hum conto duzentos cecenta e sete mil nove centos trinta e cinco reis ___ 1267935

Recebemos tambem do orgão velho e caixas dele que foi p.^a a Snr.^a da Lapa, setenta e seis mil e oito centos reis ___ 0076800

Somaõ estas duas parcelas do recibo hum conto trezentos coarenta e coatro mil sete centos trinta e cinco reis ___ 1344735

Que pasados pela despeza supra, passa esta pelo recibo duzentos e coatro mil; digo duzentos e quinze mil; trezentos e setenta ___ 0215370

Os quais tiramos das nossas alças que nos ficaraõ a ffl= deste 139

E veio a costar orgão com as cem moedas que a nossa antesesora deo de sinal, does contos coarenta mil cento e cinco reis ___ 2040105 (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1770-1772: 142v-143).

³ O falecimento da abadessa D. Mariana Leonor Pamplona é indicado pelos gastos com o respetivo officio e com dois trintários de missas (ver CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1770-1772: 96).



Fig. 5: Órgão do século XVIII. Igreja do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde. Fotografia da autora.

Ainda nesse triénio, que terminou em 7 de maio de 1773, o mosteiro registou a despesa com a aquisição de um novo instrumento de tecla:⁴ “De hum cravo novo que mandamos fazer, p.^a se tuçar no coro, q.^e custou seçenta e hum mil e quint.^{os} r.^s ___ 0061500” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1770-1772: 128).

O órgão velho acima mencionado seria, muito provavelmente, o instrumento que o mosteiro adquiriu no triénio 1685-1688 de um organeiro do Porto pelo valor de 380\$000 (trezentos e oitenta mil réis).⁵

Deuse ao emxambrador q.^e fes a obra do orgaõ oitenta mil rés ___ 080000
Ao organista, trezentos e oitenta mil rés ___ 380000
De taboas, chumbo carvaõ e fechaduras p.^a o orgaõ e carretos de carros q.^e o troixeraõ do porto, sete mil e seis cemtos ___ 007600
Ao pintor de o dourar e as armas dos S.^{res} q.^e se puzeraõ no arco da capella major cento e sesenta q.^{tro} mil e oito cemtos ___ 164800 (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1685-1688: 93v-94).

Este órgão estava colocado numa das duas tribunas que se encontravam na igreja e que foram retiradas quando da venda deste instrumento, originando duas cavidades na parede. O órgão novo não foi colocado nestes espaços e, por conseguinte, as duas cavidades foram preenchidas com um gradeamento de ferro (Fig. 6 e 7):

⁴ Sobre a data de início do triénio seguinte, ver Convento de Santa Clara de Vila do Conde (1773-1775: 1v).

⁵ Estas despesas encontram-se na seção relativa às despesas realizadas ao longo do triénio e estão identificadas pelo assunto “despeza das obras do forro da igreja e orgaõ” (ver CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1685-1688: 88v-94).

Como se tiraraõ as caixas do orgão digo tribunas do velho e ficaraõ abertas mandamos fazer nos does arcos grades de ferro, douradas com suas emtalhas por fora douradas, cortinas pardas p.^a se corer da p.^{te} de dentro, que tudo fes de gasto com a êmtalha douramento e pintura da grade do meio duzentos e coarenta e does mil seis centos e setenta e sinco reis ___ 242675 (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1770-1772: 144).



Fig. 6: Grades nas cavidades em arco onde se situavam as tribunas e o órgão do século XVII. Igreja do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde. Fotografia da autora.

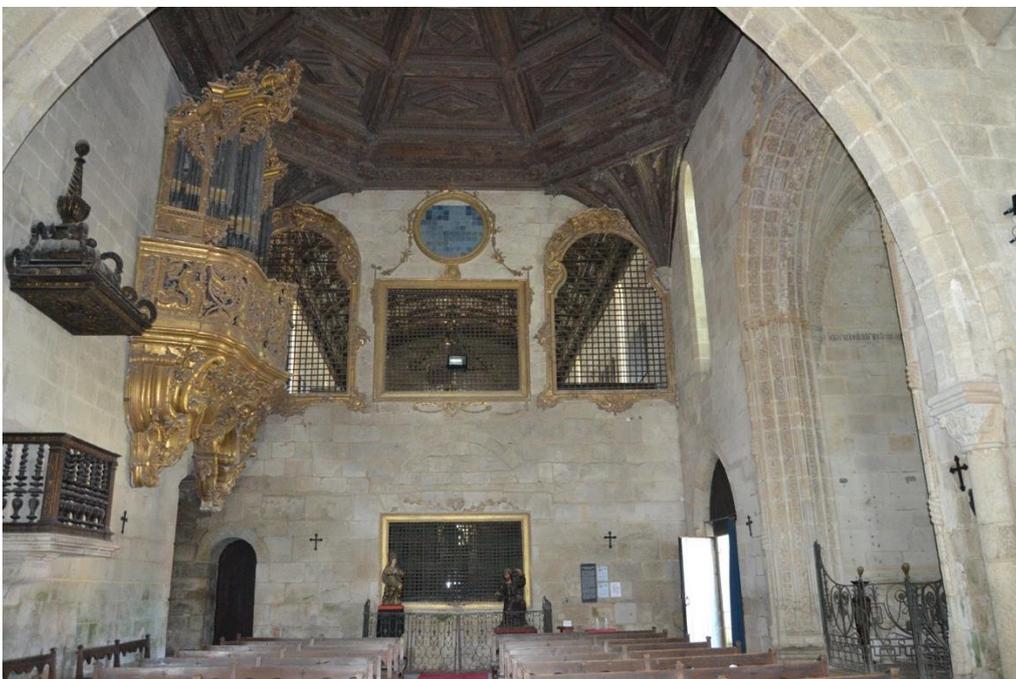


Fig. 7: Panorama da localização dos órgãos. Igreja do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde. Fotografia da autora.

2. Responsórios (1779)

Em 1779, António da Silva Leite compôs um conjunto de responsórios, que ofereceu à abadessa do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, D. Luísa Gertrudes de Luna e Azevedo. O manuscrito intitula-se *Responsorios de Quinta Feira Sancta a Quatro vozes e Orgam* e é constituído por dois bifólios, nos quais consta a parte do órgão. As partes vocais, indicadas no título, estão desaparecidas (Fig. 8 e 9).

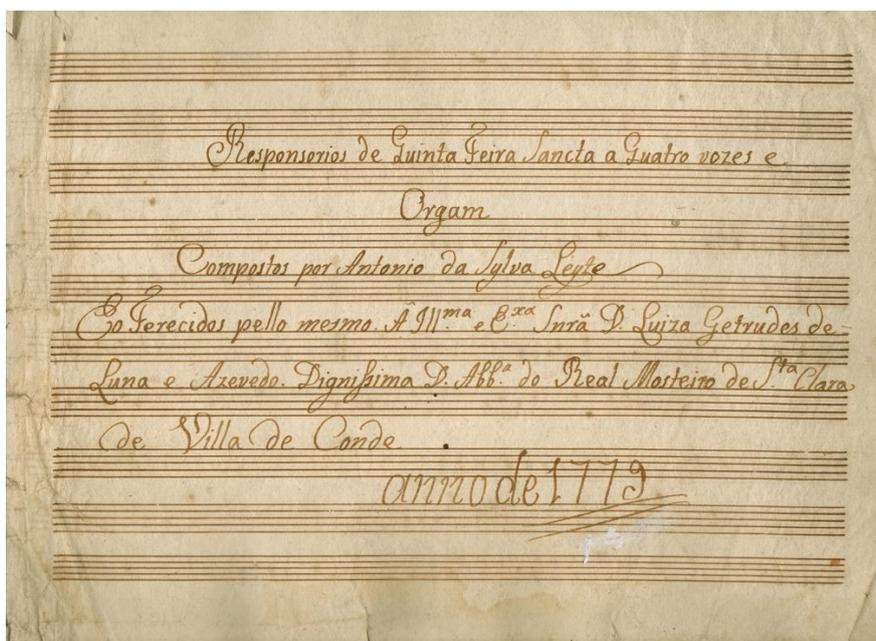


Fig. 8: *Responsorios de Quinta Feira Sancta a Quatro vozes e Orgam* de António da Silva Leite. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c., fólio 1.



Fig. 9: *Responsorios de Quinta Feira Sancta a Quatro vozes e Orgam* de António da Silva Leite. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c., fólio 1v.

Além do manuscrito autógrafo, conserva-se uma cópia destes responsórios realizada na época (Fig. 10 e 11). A cópia apresenta uma caligrafia semelhante a um outro manuscrito de autoria anónima intitulado *Responsorios a 4 vozes e Orgam*, que contém a anotação “4^a Fr.^a” no topo do primeiro fólio (Fig. 12 e 13). Este manuscrito contém apenas a parte do órgão, desconhecendo-se a localização das respetivas partes vocais. Tal como nos responsórios de António da Silva Leite, o texto destes responsórios corresponde ao texto definido no breviário para o dia da Semana Santa que se segue àquele que está indicado no manuscrito. Todas estas fontes musicais são provenientes do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde.

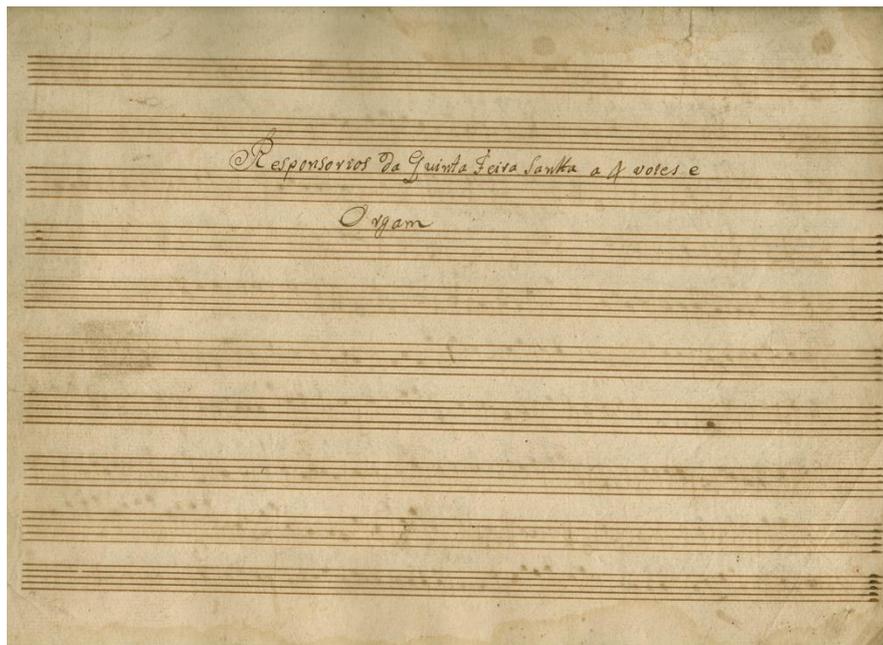


Fig. 10: *Responsorios da Quinta Feira Santa a 4 vozes e Orgam*. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c., fólio 1.

A photograph of a manuscript page showing musical notation. The title at the top is "Dit. Nonimo Responsori 1º". The page contains several staves of music with lyrics written below. The lyrics include "Omnes amici mei", "In die terribilius", "In die iniquos", "Miserere", "Cum timore", "In die terribilius", and "Gloria". The notation is in a historical style with various clefs and note values. The page is numbered "1v" at the bottom right.

Fig. 11: *Responsorios da Quinta Feira Santa a 4 vozes e Orgam*. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c., fólio 1v.

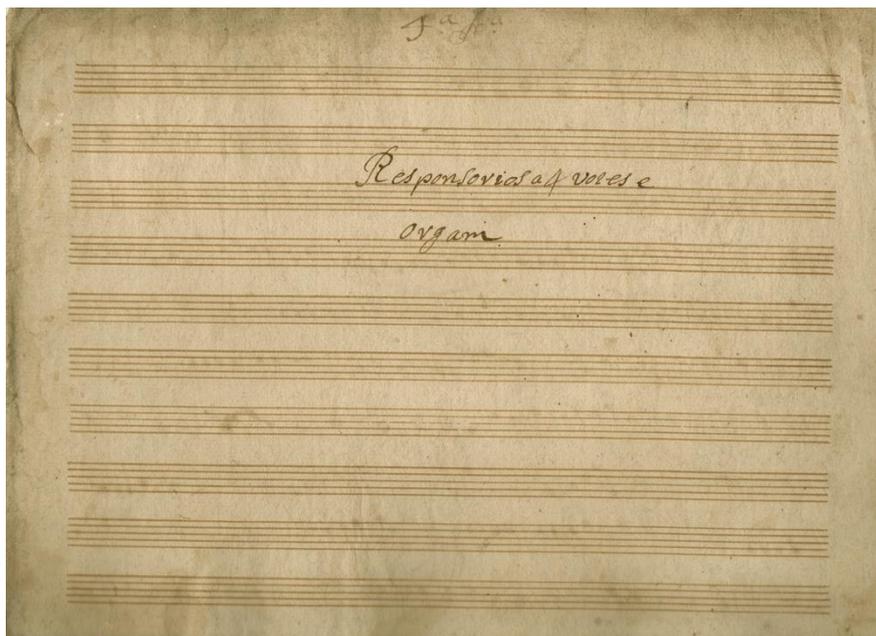


Fig. 12: *Responsorios a 4 vozes e Orgam* [4ª Fr.ª]. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c., fólio 1.



Fig. 13: *Responsorios a 4 vozes e Orgam* [4ª Fr.ª]. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c., fólio 1v.

Na documentação do mosteiro relativa às receitas e despesas do abadessado de D. Luísa Gertrudes de Luna e Azevedo (1777-1780), encontra-se registado um montante despendido com a afinação do órgão, constituindo esta a primeira despesa relacionada com o novo instrumento desde a sua colocação na igreja do mosteiro: “Deuse o P.º Manuel Teixeira por afinar o orgo nove mil e seis semtos rs ___ 09600 (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1777-1779: 125)⁶.”

⁶ Nos livros dos anos 1770-1777 (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1770-1772, 1773-1775, 1776-1777) não constam despesas relacionadas com a manutenção dos órgãos.

Entre 1780 e 1783, o instrumento necessitou de ser consertado, tendo o próprio construtor se deslocado ao mosteiro para esse efeito, em duas ocasiões: “Deuce a D. Fran.^{co} de duas vezes que veio concertar e afinar o orgão dezanove mil e duzentos ___ 019\$200” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1780-1782: 77v).

Desde essa altura até ao ano de 1792, o órgão foi afinado uma vez em cada triénio, esporadicamente em conjunto com o(s) realejo(s) que o mosteiro possuía: “Deuse ao organista de Braga por afinar o nosso orgão e realeijos fora o cumer quarenta e tres mil, e duzentos reis ___ 043\$200” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1783-1785: 88); “De afinar o orgão vinte e oito mil e oito sentos r ___ 0028800” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1786-1787: 84); “Pelo que se deo ao organeiro de Braga q.^e re-montou e afinou o orgão, alem do sustento, trinta e oito mil e quatro centos reis ___ 038\$400” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1789-1792: 24).

O órgão voltaria a ser afinado em 1795 e novamente no ano seguinte, coincidindo este facto com a altura em que o mosteiro teve uma aprendiz de órgão, de quem a madre sacristã D. Teresa Rita recebeu 2\$000 (dois mil réis) (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1795-1798: 3v, 9, 34-34v). No triénio 1795-1798, o mosteiro anotou como despesa a compra de uma corda para os foles (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1795-1798: 21v).

Analisando os últimos registos relativos à afinação do órgão, constata-se que a vinda do organeiro ao mosteiro se realizava entre os meses de agosto e outubro. Esta informação é reforçada pelos registos de afinação dos anos que se seguiram, nomeadamente 1802 e 1805. Em 1802, quando o organeiro esteve no mosteiro, afinou o realejo do coro de cima e desmontou o órgão para o consertar: “Com quem desmontou o orgão ___ 19\$200 [...] Com o d.^o p.^f afinar o realejo do coro de sima ___ 2\$400” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1801-1804: 7).

A reparação parece ter sido demorada, uma vez que o respetivo pagamento ocorreu somente entre os meses de novembro de 1803 e janeiro de 1804: “Com o organeiro, que concertou o orgão ___ 2\$400” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1801-1804: 12). Entretanto, entre 1801 e 1804, o mosteiro comprou um realejo para o coro de baixo, conforme consta nas despesas gerais desse triénio, que terminou em maio deste último ano: “Com o realejo, q.^e se mandou fazer p.^a o coro de baixo ‘84\$000” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1801-1804: 18).

3. *Miserere* (1805)

Um dos cadernos que compõe o manuscrito M.M. 740//1-18 da Biblioteca Nacional de Portugal inclui uma anotação escrita em 1805 por António da Silva Leite: “Orgãos do Miserere de V^a de Conde per se cantar em S^{ta} Clara do Porto” (SILVA LEITE, 1805: caderno 18, 1). O caderno em questão corresponde à partitura geral dos órgãos desse *Miserere*, que o próprio compositor intitula ser de Vila do Conde, e destinar-se-ia à execução desta obra no Convento de Santa Clara do Porto (Fig. 14). O manuscrito é constituído por catorze cadernos e quatro folhas soltas, contém três partes instrumentais (dois órgãos *obbligato* – órgão grande e órgão pequeno – e um órgão cifrado) e seis partes vocais (quatro sopranos,

um contralto e um baixo)⁷. Visto tratar-se de música sacra para um conjunto de vozes essencialmente femininas, este *Miserere* só poderia ter sido escrito para o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, que, na época, era o único mosteiro feminino existente nesse concelho⁸.

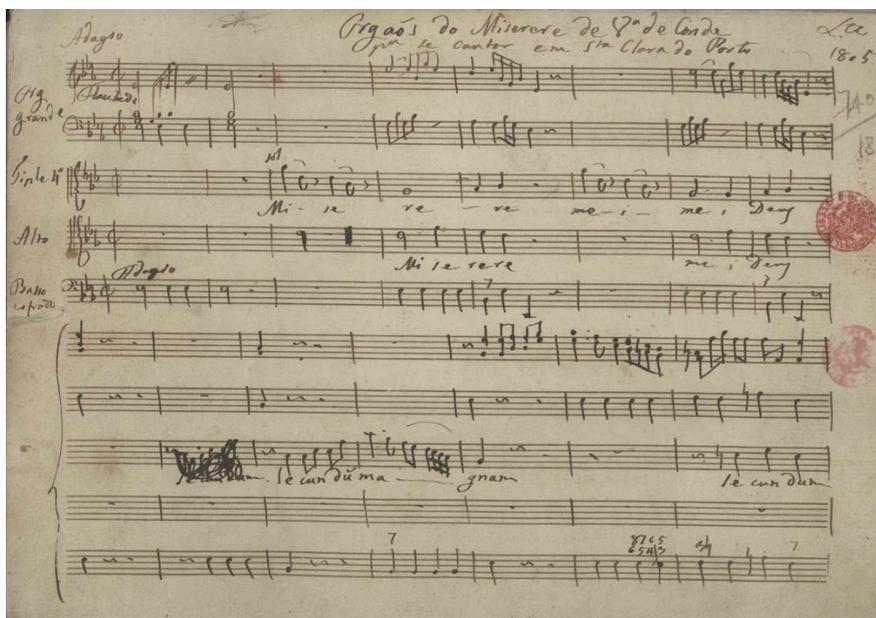


Fig. 14: *Miserere a 6: Miserere de Vila de Conde* de António da Silva Leite. Biblioteca Nacional de Portugal, M.M. 740//18, fólio 1.

Nesse ano de 1805, entre os meses de agosto e outubro, o órgão do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde voltou a ser afinado e voltaria a sê-lo novamente três anos mais tarde, desta vez entre os meses de maio e julho: “Com, q.^m afinou o orgão ___ 4\$800” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1804-1807: 6v); “Com, q.^m afinou o orgão ___ 6\$400” (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1807-1810: 5v).

4. Discussão

Os dados expostos permitem retificar informações que têm circulado erroneamente relativamente ao órgão do século XVII a partir de uma afirmação, baseada nos livros das contas do mosteiro, porém sem especificação da fonte: “O órgão, construído em 1686, importou em oito mil cruzados, quantia importante para a época” (ASSUMPÇÃO, 1894: 22). De acordo com os livros de receita e despesa do mosteiro, esse instrumento foi adquirido no triénio 1685-1688. Porém, a respetiva despesa não está registada nas despesas semanais do mosteiro (o que permitiria apontar uma data concreta para a aquisição do instrumento), mas juntamente com outras despesas realizadas ao longo do triénio, o que impossibilita

⁷ Além das partes vocais mencionadas, existe um caderno com a duplicação da parte do baixo e outros cadernos para vozes femininas com as seguintes partes: *Tiple quarto repleto*, *Alto em tiple* e *Basso em tiple*. As folhas soltas apresentam as partes vocais dos duetos incluídos na obra (ver SILVA LEITE, 2020: xi).

⁸ Em 1836, com a nova divisão administrativa do reino e a consequente integração da freguesia de Vairão no concelho de Vila do Conde, o mosteiro feminino de São Salvador de Vairão passa também a fazer parte deste concelho (PORTUGAL, 1836: 184v).

a atribuição de um ano específico para a sua concretização. Por outro lado, a importância de oito mil cruzados não corresponde a qualquer valor descrito nas despesas registadas com este órgão e poderá ter sido confundida com o montante de oitenta mil réis pago ao entalhador. Sem contar com esta e as demais despesas relacionadas, o valor pago ao construtor do órgão – o organeiro, que está indicado na documentação pelo termo “organista” – foi de 380\$000 (trezentos e oitenta mil réis).

A associação deste órgão a duas caixas (e duas tribunas) remete para a questão da simetria arquitetónica relacionada com os órgãos ibéricos dessa época. Tal simetria é identificada pela presença de um conjunto de órgãos duplos (sejam ambos os instrumentos reais ou um instrumento real e o outro mudo) em igrejas portuguesas, como, por exemplo, os órgãos do Mosteiro de São Bento da Vitória do Porto ou da Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo, ambos apenas com um instrumento real, construídos respetivamente pelos organeiros portugueses frei Manuel de São Bento e frei Manuel Lourenço da Conceição (BRESCHIA, 2017: 43). Relativamente a este formato, Brescia (2017: 46) apresenta a possibilidade de a construção do segundo órgão ser projetada posteriormente, num momento mais oportuno do ponto de vista financeiro, e acrescenta:

Contudo, as caixas dos órgãos mudos podiam, igualmente, ocultar desde um primeiro momento um realejo, a exemplo do que se fez nos anos 1730 na Capela de São Vicente, que dá para o claustro da Sé portuense, atrás de cuja fachada muda de órgão, puro delírio cenográfico, ocultou-se um realejo – quiçá de autoria do frei Manoel Lourenço da Conceição, posto que o organeiro loio encontrava-se a serviço da Sé na mesma altura [...] (BRESCHIA, 2017: 46).

De acordo com a documentação do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, o órgão adquirido nos finais do século XVII veio do Porto, o que indica ter sido construído por um organeiro português. Considerando esta documentação e a tipologia de órgãos duplos existentes no norte do país (incluindo no Porto), acima referidas, pode-se afirmar que no mosteiro vila-condense existiu um conjunto de órgãos duplos que combinava um órgão verdadeiro com um órgão falso (ou mudo). Esta afirmação fundamenta-se na informação relacionada com a venda do instrumento, que indica um único órgão e duas caixas (além de duas tribunas), e na informação acerca das despesas de afinação e reparação de dois órgãos no coro de cima, as quais foram registadas antes da venda do órgão (1758-1767), pelo que se depreende que atrás da caixa do órgão falso existisse um realejo.

Este realejo terá permanecido no mosteiro após a venda do órgão velho, que ter-se-á realizado algum tempo antes da chegada do órgão novo. Esta hipótese é reforçada pelas seguintes informações registadas nas despesas do mosteiro: por um lado, a compra de um cravo, entre 1770 e 1773, para ser usado no coro, o que sugere que, nessa altura, o mosteiro não possuísse um órgão com capacidade sonora suficiente para acompanhar o coro das religiosas; por outro, a afinação de realejos em anos posteriores, nomeadamente no período 1783-1786 e em 1802 (este último ano indicando precisamente a sua localização no coro de cima), sem que tenha sido registada a compra de novos instrumentos. Importa aqui referir que a despesa com a afinação registada no período 1783-1786 sugere a presença de mais do que um realejo no mosteiro, tratando-se de uma referência isolada provavelmente originada por um erro de escrita baseado no uso incorreto do plural.

O órgão novo foi construído por “D. Francisco, natural do reino de Galiza e cazado na V.^a de guim.^{es}”, cujo nome completo é Francisco António Solha (ou Solla). Jordan (1984: 117) inclui o órgão do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde numa lista de instrumentos atribuídos a Solha, na qual acrescenta a data “c. 1775”. Na descrição deste instrumento, o autor afirma:

Na capela do mosteiro de S.^{ta} Maria, de Vila do Conde, há um órgão grande, certamente construído por Dom Solha. Não há nenhuma referência à construção deste órgão nos documentos que existem deste mosteiro no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Há somente uma referência à sua afinação. O órgão tem a data de 1775 (JORDAN, 1984: 130).

A menção do nome Santa Maria para o mosteiro vila-condense tratar-se-á de um lapso, já que na sua lista inicial o autor indica o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde e, na descrição do instrumento, em nota de rodapé, remete para a respetiva documentação preservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: “Existem neste arquivo cinco livros das obras e das receitas e despesas deste mosteiro, numerados de 108-112” (JORDAN, 1984: 130)⁹. Jordan estava certo quanto ao organeiro e identificou uma referência à afinação do órgão, que coincide com a citação do livro 112 apresentada neste estudo. Todavia, o autor não encontrou grande parte da informação sobre a construção do dito órgão, também aqui apresentada, que provém do livro 109¹⁰. Quanto ao ano de 1775, indicado inicialmente como data aproximada e, posteriormente, como data concreta da construção do órgão, o autor não apresenta provas.

A este respeito, é importante sintetizar as datas e os acontecimentos apresentados neste estudo relacionados com a obra do órgão: 1770 - contrato de construção do órgão, entre Dom Francisco António Solha e a madre abadessa D. Mariana Leonor Pamplona; agosto de 1772 - alterações ao acordo com o organeiro e início das obras na igreja; 7 de maio de 1773 - fim do abadessado de D. Joana Ludovina de Vasconcelos, no qual foi anotado o pagamento de todas as despesas com a obra no valor de 2.040\$105, para o qual contribuiu o dinheiro que D. Mariana Leonor Pamplona deu de sinal (480\$000), o dinheiro que sobrou do seu abadessado (1.267\$935), o dinheiro que o mosteiro recebeu da venda do órgão velho e respetivas caixas à Igreja da Lapa (76\$800) e ainda uma parte do dinheiro que sobrou do abadessado de D. Joana Ludovina de Vasconcelos, a fim de colmatar o valor em falta (215\$370).

Pode-se, portanto, afirmar que a obra do órgão, principiada em 1770, recebeu um impulso considerável a partir de agosto de 1772, tanto ao nível da construção do próprio instrumento como da preparação do espaço onde seria colocado. As alterações solicitadas pelo mosteiro, nessa altura, implicaram grandes transformações no instrumento, envolvendo, no mínimo, a reconstrução do someiro e a colocação de mais tubos, mais teclas e um segundo teclado. Por conseguinte, parece pouco provável que o instrumento ficasse concluído ainda esse ano, razão pela qual se aponta o ano de 1773 como ano de finalização da respetiva construção.

Quanto às obras musicais apresentadas, verifica-se que o órgão adquiriu cada vez mais importância nas celebrações religiosas do mosteiro, intervindo inicialmente na entoação do cantochão,

⁹ Os livros referidos abrangem apenas o período 1767-1779. O livro 108 corresponde especificamente à despesa da enfermaria (CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE, 1767-1770). Os livros 109 a 112 correspondem aos livros de receita e despesa do período 1770-1779, a saber: 1770-1772 (livro 109), 1773-1775 (livro 110), 1776-1777 (livro 111), 1777-1779 (livro 112).

¹⁰ Ver as citações indicadas pelas referências Convento de Santa Clara de Vila do Conde (1777-1779: 125, 1770-1772: 142v-143), respetivamente para os livros 112 e 109.

depois acompanhando harmonicamente as partes vocais dos *Responsorios* e, por fim, acompanhando as vozes do *Miserere* por meio de uma escrita melódico-harmónica *obligato*, juntamente com um instrumento *sui generis*. Ainda que no livro de cantochão não esteja especificada de que forma o órgão intervinha nos cânticos litúrgicos, é de considerar a utilização da prática *alternatim*, em que o órgão alterna com o coro, seguindo assim as orientações da Ordem Franciscana inscritas no *Ceremonial seráfico, e romano, para toda a ordem franciscana*, de frei Manuel da Conceição, publicado em Lisboa em 1730 e acrescido de um suplemento em 1744 (DODERER, 2017: 89, 129-131).

As restantes obras permitem constatar que a ligação do compositor António da Silva Leite com o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde remonta ao ano de 1779, mais especificamente por volta dos meses de março/abril, altura em que se realizam as celebrações da Semana Santa por ocasião da Páscoa cristã. Os *Responsorios de Quinta Feira Sancta*, escritos e oferecidos por este compositor à abadessa do mosteiro vila-condense, constituem a obra mais antiga, atualmente conhecida, da autoria de António da Silva Leite e antecedem em cerca de seis meses o seu primeiro cargo profissional, na qualidade de organista da Igreja da Misericórdia do Porto (cf. BESSA, 2008: 46. SILVA LEITE, 2020: vii-viii). Tendo em conta a semelhança caligráfica existente entre o manuscrito cópia destes responsórios e o manuscrito dos *Responsorios a 4 vozes e Orgam [4ª Fr.ª]* – Responsórios de Quarta-feira Santa –, depreende-se que ambos os manuscritos são cópias, de composições originais, produzidas pela mesma pessoa. Como todas estas fontes musicais provêm do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde e considerando que os *Responsorios a 4 vozes e Orgam [4ª Fr.ª]* apresentam a mesma formação instrumental que os *Responsorios de Quinta Feira Sancta* e se destinam a um dia diferente do Tríduo Pascal, é provável que ambas as obras tenham sido compostas e copiadas, na mesma altura, para serem interpretadas nesse mosteiro na Semana Santa do ano de 1779. Neste sentido, atribui-se a autoria dos *Responsorios a 4 vozes e Orgam [4ª Fr.ª]* a António da Silva Leite.

A relação que António da Silva Leite mantinha, desde 1779, com o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde legitima a composição do *Miserere*, numa altura em que o mosteiro parece ter tido uma atividade musical intensa, porquanto tratou de afinar os seus instrumentos com uma certa regularidade (órgão: 1795, 1796, 1805, 1808; realejo: 1802) e teve uma aprendizagem de órgão (1795-1798). Atendendo a que, em 1805, o compositor assinalou que esse *Miserere* era de Vila do Conde (informação que sugere a sua interpretação em data anterior) e que, em agosto/outubro de 1802, o órgão foi desmontado e esteve em reparação até novembro de 1803/janeiro de 1804, depreende-se que o *Miserere* só poderia ter sido interpretado no mosteiro vila-condense a partir deste último ano. Para tal, teriam sido utilizados os dois instrumentos de tecla existentes no coro de cima, nomeadamente o órgão fixo e o realejo.

A hipótese de esta obra ter sido executada com um terceiro instrumento é remota, visto que o realejo adquirido pelo mosteiro em 1801-1804 foi instalado no coro de baixo, o que traria alguns problemas numa execução da obra juntamente com os dois instrumentos do coro de cima. Por outro lado, apesar de as partes dos dois órgãos *obligato* do *Miserere* estarem interligadas do ponto de vista musical por meio de diálogos, na época, existiu uma versão interpretativa com dois órgãos na qual a parte do órgão grande foi substituída, em alguns andamentos, pela parte do órgão cifrado (SILVA LEITE, 2020: xii). Esta versão é comprovada pela presença de um pequeno papel solto no interior do caderno do órgão grande, indicando que os andamentos *Miserere*, *Amplius*, *Auditui* e *Benigne* deveriam ser executados pela partitura do órgão cifrado, na qual existem pequenas tiras de papel para cada um destes andamentos

(todas presas com alfinete, com exceção do *Miserere*) de forma a facilitar o respetivo acesso. A substituição da parte do órgão grande pela parte do órgão cifrado permitiria obter um maior apoio instrumental para o conjunto vocal nestes andamentos, cuja parte do órgão grande inclui vários compassos com pausas.

A versão com dois órgãos, acima exposta, utiliza os cadernos correspondentes às partes dos três instrumentos, o que revela a anterioridade da versão para três órgãos. Contudo, não sendo fácil a execução da obra nos três órgãos do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, devido à localização dos instrumentos na respetiva igreja, a obra terá sido executada com os dois órgãos que existiam no coro de cima, quer numa versão com as duas partes *obbligato* que estabelecem diálogos entre si, quer na referida versão interpretativa a fim de obter uma massa sonora maior.

Segundo Marreco Brescia (2021), esta obra foi escrita para dois órgãos e posteriormente adaptada para os três órgãos do Convento de Santa Clara do Porto – nomeadamente um órgão fixo, um realejo grande sem oitava curta e um realejo pequeno com oitava curta, sendo este último o instrumento utilizado para executar a parte do órgão cifrado. A este propósito, é importante referir dois aspetos que questionam a adaptação da obra acima mencionada. O primeiro está relacionado com a tonalidade de Mi bemol maior, na qual a obra está composta, e com o frequente uso do mi bemol da oitava grave na parte do órgão cifrado (ver SILVA LEITE, 2020), cuja nota é inexistente no realejo pequeno com oitava curta que executaria esta parte instrumental. O segundo diz respeito ao registo *dolçaina* que está indicado para a mão direita na parte do órgão grande (ver SILVA LEITE, 1805: caderno 1, 4v) e que não existe no órgão fixo desse convento ao qual se destinaria a referida parte instrumental¹¹.

É possível que esta obra tivesse sido executada nos três órgãos do Convento de Santa Clara do Porto, omitindo a nota e o registo referidos, contudo, a conceção original da obra com três instrumentos não se destinou a esse convento. Espera-se que estudos futuros possam elucidar sobre a utilização do realejo pequeno do Convento de Santa Clara do Porto no que respeita à interpretação de obras com três órgãos e esclarecer acerca da função do realejo do coro de baixo do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde.

5. Conclusões

Embora as fontes musicais relacionadas com a utilização do órgão no Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde sejam em número reduzido, elas comportam em si um valor incalculável por serem testemunho da atividade musical desenvolvida no período áureo da história deste mosteiro. É incontestável que a música ocupou um lugar relevante no quotidiano das religiosas do mosteiro, não somente pelo empenho demonstrado pela respetiva comunidade na elaboração de materiais musicais e na conservação e renovação do seu património organístico, como também pela composição e oferta de obras musicais por parte de compositores como António da Silva Leite. Neste contexto, assumem especial importância o *Miserere*, composto originalmente para os três órgãos do mosteiro vila-condense, bem como os *Responsorios de Quinta Feira Sancta a Quatro vozes e Orgam*, por serem a primeira obra, atualmente

¹¹ Uma visita ao local permitiu identificar que o órgão fixo possui os seguintes registos: mão esquerda – *Vintedozena, Simbala, Quinzena, Dozena, 8ª Real, Clarão, Flautado, Baixão*; mão direita – *Vintedozena, Quinzena, 8ª Real, Simbala, Pifano, Flauta travesa, Corneta, Flautado de 12, Clarim*.

conhecida, composta por António da Silva Leite, e a mesma ter sido oferecida à abadessa do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde. É possível que, juntamente com estes responsórios, António da Silva Leite tivesse oferecido também os *Responsórios a 4 vozes e Organ* [4^a Fr.^a] escritos para Quarta-feira da Semana Santa, cuja autoria lhe é presentemente atribuída.

Em torno destas fontes musicais, revelaram-se e retificaram-se informações sobre os órgãos adquiridos pelo Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde desde os finais do século XVII até aos princípios do século XIX. Tais informações permitiram concluir que o órgão do século XVII foi adquirido entre 1685 e 1688 de um organeiro do Porto pelo preço de 380\$000 (trezentos e oitenta mil réis) e foi colocado numa das duas aberturas em arco, atualmente gradeadas, que se encontram na igreja do mosteiro. Tratava-se de um conjunto de órgãos duplos que continha um órgão verdadeiro e um órgão falso – este último escondendo um realejo – que foi, mais tarde, vendido à Igreja da Lapa por ocasião da compra de um órgão novo.

O contrato de encomenda do novo instrumento foi realizado com Dom Francisco António Solha, em 1770, e posteriormente modificado no sentido de um aumento da extensão do teclado e do número de registos, ficando o instrumento concluído em 1773 pelo preço final de 1.210\$000 (um conto duzentos e dez mil réis). Este órgão ainda hoje se encontra na igreja do mosteiro, porém o mau estado de conservação em que se encontra impossibilita o seu funcionamento. Além destes órgãos, o mosteiro tinha um realejo no coro de cima e, a partir dos primeiros anos do século XIX, possuiu um outro realejo no coro de baixo, prova de que os órgãos fixos e os realejos foram instrumentos primordiais na vida religiosa das clarissas vila-condenses.

Referências

- ASSUMPÇÃO, T. Lino d'. *As últimas freiras*. Porto: Livraria Portuense de Lopes & Ca., 1984.
- BESSA, Rui Manuel Pereira da Silva. *António da Silva Leite: criatividade e “moda” na música romântica portuense*. Dissertação (Doutoramento em Ciências Musicais). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/9900>. Acesso em: 26 maio 2022.
- BRESCIA, Marco. Simetria visual e sonora do órgão ibérico em Portugal: o pioneirismo da Sé do Porto. *In: SANTOS, A. F. dos et al. Restauro dos Órgãos da Epístola e do Evangelho da Sé Catedral do Porto*. Porto: Cabido Portucalense; Lavra: Letras e Coisas, 2017. p. 43-52.
- BRESCIA, Marco. *Órgão José Joaquim da Fonseca (c. 1863) e a Organaria Histórica Portuguesa / Organ José Joaquim da Fonseca (c. 1863) and the Portuguese Historic Organ-Making*. Lisboa: Castelpor, 2020.
- CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Convento de Santa Clara de Vila do Conde - Livro de música*. 1763. Arquivo Municipal de Vila do Conde, NI3383.
- CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 81 (1685-1688)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0029. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 104 (1758-1760)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0050. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 5 jan. 2022.
- CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 105 (1761-1763)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0051. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 106 (1764-1766)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0052. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 107 (1767-1769)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0053. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 19 jan. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 108 (1767-1770)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/019/0001.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 109 (1770-1772)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0054. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 110 (1773-1775)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0055. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 2 mar. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 111 (1776-1777)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0056. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 11 mar. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 112 (1777-1779)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0057. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 114 (1783-1785)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0058. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 115 (1780-1782)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0059. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em: 24 mar. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 116 (1786-1787)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0060. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em 4 abr. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 117 (1789-1792)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0061. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em 19 abr. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 119 (1795-1798)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0063. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em 22 abr. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 121 (1801-1804)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0065. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em 28 abr. 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 124 (1804-1807)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0067. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em 5 maio 2022.

CONVENTO DE SANTA CLARA DE VILA DO CONDE. *Livro 126 (1807-1810)*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/CSCVC/015/0068. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt>. Acesso em 10 maio 2022.

DODERER, Gerhard. Portuguese Organ Cases of the Eighteenth Century: Splendor and Effectiveness. *Music in Art*, New York, v. 27, n. 1/2, p. 101-115, 2002.

DODERER, Gerhard. A presença do órgão na liturgia portuguesa entre o Concílio Tridentino e a Secularização. In: FERREIRA, M. P.; CASCUDO, T. (coord.). *Música e História: estudos em homenagem a Manuel Carlos de Brito*. Lisboa: Edições Colibri: Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, 2017. p. 77-142.

FERNANDES, Cristina. A música no contexto da cerimónia da Profissão nos mosteiros femininos portugueses (1768-1828). *Revista Portuguesa de Musicologia*, Lisboa, v. 7-8, p. 59-94, 1997-98. Disponível em: <https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/157>. Acesso em: 20 out. 2021.

FERREIRA, José Augusto. *Os Tumulos do Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde*. Porto: Marques Abreu, 1925.

FERREIRA, José Augusto. *Villa do Conde: Matriz e Igrejas do Mosteiro de Santa Clara, de Azurara e de Rio Mau*. Porto: Marques Abreu, 1928.

FIALHO CONDE, Antónia; CAMÕES GOUVEIA, António (ed.). *Do espírito do lugar - música, estética, silêncio, espaço, luz*. I e II Residências Cistercienses de São Bento de Cástris (2013, 2014). Évora:

Publicações do Cidehus, 2016. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/1934>. Acesso em: 9 out. 2021.

FIALHO CONDE, Antónia; LESSA, Elisa. A prática musical nos mosteiros femininos na segunda metade do século XVIII e princípios do século XIX: obras de compositores portugueses e italianos no mosteiro de S. Bento de Cástris (Évora) e no convento de Avé Maria (Porto). *Mátria XXI*, Santarém, n. 4, p. 61-88, maio 2015.

JORDAN, W. D. Dom Francisco António Solha, Organeiro de Guimarães. *Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães, v. 35, p. 116-136, 1984. Disponível em: <https://www.amap.pt/r/article/bth-1984-4>. Acesso em: 2 fev. 2022.

LESSA, Elisa. A música no quotidiano das monjas nos séculos XVII e XVIII - mosteiros de beneditinas e ursulinas em Portugal. *Revista Portuguesa de Musicologia*, Lisboa, v. 7-8, p. 47-58, 1997-98. Disponível em: <https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/156>. Acesso em: 11 out. 2021.

MARRECO BRESCIA, Rosana. António da Silva Leite e a música para voz e três órgãos do Convento de Santa Clara da cidade do Porto. *Música Hodie*, Goiânia, v. 21, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/68889>. Acesso em: 7 dez. 2021.

PACHECO NEVES, Joaquim. A última freira. *Jornal de Vila do Conde*, Vila do Conde, n. 98, 4 jun. 1981. *Caderno de Cultura*, p. 1-4.

PACHECO NEVES, Joaquim. *O Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde (pequena crónica dum grande mosteiro)*. Vila do Conde: Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Vila do Conde, 1982.

PORTUGAL. Administração Geral do Distrito do Porto. 4ª Repartição. Circular nº 14, de 24 de dezembro de 1836 [Nova organização dos distritos administrativos do Reino: Decreto de 6 de Novembro de 1836]. *Arquivo Histórico Municipal do Porto*, A-PUB/816 – f. 175-222v. Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/594204/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas e Comunicações. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *A Igreja de Santa Clara de Vila do Conde*. Porto: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1938. Texto policopiado.

RESPONSORIOS a 4 vezes e Orgam [4ª Fr.ª]. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c.

RESPONSORIOS da Quinta Feira Santa a 4 vezes e Orgam. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c.

SILVA LEITE, António da. *Responsórios de Quinta Feira Sancta a Quatro vezes e Orgam*. 1779. Arquivo particular de Carlos Pontes, s.c.

SILVA LEITE, António da. *Miserere a 6*: Miserere de Vila de Conde. 1805. Biblioteca Nacional de Portugal, M.M. 740//18.

SILVA LEITE, António da. *Miserere de Villa de Conde*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 2020. Editado por Mafalda Nejmeddine.

VALENÇA, Manuel. *A arte musical e os franciscanos no espaço português (1463-1910)*. Braga: Editorial Franciscana, 1997.

Agradecimentos

Doutor Marco Brescia (CESEM/NOVA FCSH), Arquivo particular de Carlos Pontes, Arquivo Municipal de Vila do Conde, Paróquia de Vila do Conde, Direção Regional de Cultura do Norte, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional de Portugal.

Mafalda S. Nejmeddine é cravista, doutorada pela Universidade de Évora em Música e Musicologia na especialidade de Interpretação, e investigadora integrada do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM/IN2PAST) na Universidade de Évora. É especialista em música antiga portuguesa, nomeadamente a sonata portuguesa para tecla, e desenvolveu uma série de trabalhos que envolveram a investigação, a interpretação e a divulgação do repertório português para tecla do século XVIII. Entre eles destacam-se a edição discográfica e a edição da partitura da coleção *Sei sonate per cembalo* de Alberto José Gomes da Silva. É pioneira no estudo da música no Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, tendo realizado a edição crítica da obra *Miserere de Villa de Conde* de António da Silva Leite. msasfn@uevora.pt